



Mayra Dantas Bueno

Añemohymba

transformar-se

Añemohymba

Parabéns!

Você acaba de adquirir um produto da mais alta
qualidade.

Uma máscara Añemohymba é apenas o primeiro passo
para o seu futuro.

Aconselhamos o uso ininterrupto para garantir o
processo mais eficiente e indolor de transmutação.

Por favor, leia atentamente ao manual.

A garantia vale por um ano. Apenas oferecemos
trocas por defeitos de fábrica.



Mayra Dantas Bueno

Añemohymba

transformar-se

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de
Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade
Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do títu-
lo de Bacharel em Artes Visuais.

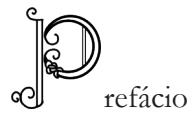
Habilitação: Artes Gráficas

Orientadora: Dr^a Maria Elisa Martins Campos do Amaral

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2014



Sumário



refácio

7



lossário

10



ñemohymba

11



eferências

40



oral:

47



bibliografia complementar

50



Prefácio

Fatos não se explicam com fatos, fatos se explicam com fábulas. A fábula é o desabrochar da estrutura, arquétipo em flor. Uns são transformados em flores, outros são transformados em pedras, outros, ainda, se transformam em estrelas e constelações.

Nada com seu ser se conforma. Toda transformação exige uma explicação. O ser, sim, é inexplicável.
Paulo Leminski

 A sementinha foi plantada. Aos poucos cresceu, ganhando espaço na terra que a sufocava e germinou, libertando-se de sua prisão brotando de forma ambiciosa em uma flor.

A semente foi a pesquisa iniciada em cima de um trabalho fotográfico no qual foram pintados rostos de animais sobre as pessoas retratadas, e que chamei inicialmente de *Instintos*. Primeiramente, a pintura foi feita com tinta acrílica, mas posteriormente ganhou mais expressividade na pintura digital. Nesse trabalho vi surgir um mundo de fantasia. Criaturas associando homem e animal permeiam a mitologia praticamente no mundo todo e há tanto tempo que suspeita-se terem surgido ainda no período paleolítico, em pinturas rupestres. E elas nos acompanham até hoje.

Tendo crescido com desenhos animados (como, por exemplo, *Pernalonga*), jogos (*Donkey Kong*), quadrinhos (*Homem-Aranha*), filmes (*Ponpoko*) e livros (*Sítio do Picapau Amarelo* de Monteiro Lobato), cheios dessas criaturas quiméricas, somado a uma infância no interior, em constante contato com o meio ambiente, não é de se surpreender o surgimento de uma realidade criada propondo mesclar humanidade e natureza.

Quando se trata de símbolos, os animais costumam representar um comportamento previsível. O passarinho é o mensageiro, o ser espiritual e livre; o lobo, tanto pode ser o protetor quanto o perigo iminente, o predador; o leão é o rei, corajoso e forte. As fábulas de Esopo exemplificam tal fato muito bem ao antromorfizar esses animais para dar lições de moral sobre o comportamento humano. Esses estereótipos falam por si só, uma vez que, à primeira vista podem até parecer ter uma personalidade própria, mas apenas simulam uma individualidade, sendo, na verdade, uma representação de um papel já conhecido e esperado, um papel social. Este é o conceito de *persona* desenvolvido por Jung: para ele a *persona* é como um personagem que cada um assume para se apresentar ao mundo e é através dele que se relaciona com o próximo. Vendo esses animais com características humanas por outro ângulo, não como animais humanizados, mas como humanos animalizados, pode-se dizer que esse papel social exercido nada mais é que uma máscara que disfarça os instintos primitivos e permite que a pessoa interaja de modo socialmente aceito. Mas

a construção dessa máscara não se dá do dia para noite, pelo contrário, ela é aprendida e encorajada pela comunidade e pela cultura ao longo do tempo, afinal, “o controle de si mesmo é uma virtude das mais raras e extraordinárias” (JUNG, 2013, p. 24).

Além disso, tanto o antropomorfismo quanto a alegoria oferecem um distanciamento emocional e intelectual e nos permite analisar o conteúdo de forma mais prazerosa e crítica. Um bom exemplo, é o livro de George Orwell, *A Revolução dos Bichos*, que trata de um forte tema político, criticando Stalin e sua ditadura socialista, porém, todos os personagens principais são animais e, como tais, possuem uma função que os define dentro da fazenda.

Foi, então, uma escolha deliberada tratar de temas pessoais e contemporâneos na forma de uma fábula que lida com a metamorfose gradativa de um ser humano até sua forma animal. Na natureza, os animais vivem inseridos em uma cadeia alimentar, cada qual com o seu papel definido, assim como na fazenda de Orwell. Entretanto, nos dias de hoje, os papéis de cada pessoa não são tão definidos assim. Desde que a humanidade fez a transição do teocentrismo, na Idade Média, para o antropocentrismo, no Renacentismo, o ser humano passou a buscar meios de encontrar sua própria felicidade ao invés de apenas se conformar dentro de um sistema de imobilidade social. Embora hoje em dia os ideais igualitários ainda sejam discutíveis, vivemos em tempos em que não só é possível e incentivado, mas também é necessário que cada um busque meios de encontrar o seu lugar na “cadeia alimentar social”. Um desses meios, por exemplo, é a universidade, onde o estudante espera, na escolha do curso, aprender uma habilidade que o auxilie a encontrar esse lugar e, ao final, receber a sua *persona*, a sua máscara social, ou seja, o seu papel definido pelo seu diploma ou profissão. Essa busca por sua individuação, por esse papel que o define, sua *persona*, pode ser angustiante e affige muitas pessoas que se sentem perdidas, pois “o fato é que cada pessoa tem que realizar algo de diferente, exclusivamente seu” (FRANZ, 2013, p. 216). A *persona*, então, se torna uma ferramenta para esse processo de individuação.

De toda forma, entre psicologia analítica, simbolismo, identidade, literatura e mitologia, o broto que começou a surgir da sementinha sugeriu que sua história fosse contada da forma mais apropriada possível: como uma fábula. O broto queria virar flor, assim como nos sugere Leminski em seu poema.

Para que isso pudesse acontecer, muito da pesquisa e de histórias pessoais viraram alegorias. Cada nome, cada situação, cada personagem tem um significado. Contudo, se uma maçã é o símbolo do conhecimento e do pecado (mitologia cristã), da imortalidade (mitologias grega e nórdica) ou simplesmente é uma fruta barata vendida em qualquer mercado, fica a critério do(a) leitor(a). “Cada palavra tem um sentido ligeiramente diferente para cada pessoa, mesmo para os de um mesmo nível cultural” (JUNG, 2013, p. 47), portanto, com sorte, a sua interpretação pessoal apenas ajudará a mergulhar mais fundo nas possibilidades de fabulação.

JUNG, Carl Gustav [et al.]. *O Homem e Seus Símbolos*. 2^a edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.
ORWELL, George. *Animal Farm*. Londres: Longman, 1996.





Glossário

 **ñemohymba:** (guarani) transformar-se

 **rapy:** (guarani) universo.

 **rarea:** (guarani) olho(s) do universo.

 **rasy:** (guarani) mãe do céu, uma deusa Guarani que mora na lua.

 **ya:** (japonês) arte, (hebreu) voar.

 **elissa:** (grego) abelha. É o nome da ninfa que cuidou de Zeus alimentando-o com mel.

 **quimera:** (grego) ser mitológico composto de mais de um animal. O termo também é usado em zoologia para indicar um conjunto de células distintas em um único organismo.

 **oantropo:** (grego) zoo, animal; antropo, humano.



Añemohymba

A jovem Aya mal continha sua animação, saltitando por quase todo o caminho
– Chegamos – o lobo-guará que a acompanhava anunciou.

Os dois pararam na frente da loja cuja placa ostentava o nome: Añemohymba. A garota sussurrou o nome e deu um passo à frente. Ela se deslumbrou com o que viu ao entrar. Nas paredes, em estantes de vidro, máscaras de todas as formas, cores e texturas. Umas com longos narizes ou bicos, com fitas, lantejoulas; algumas cobriam o rosto inteiro, outras apenas metade, feitas de gesso, couro ou papel machê, mas todas tão bem feitas que pareciam vivas. Em uma bancada no centro, havia máscaras brancas enfileiradas, todas iguais.



Ela e o lobo foram até o balcão onde uma zoantropo, meio-mulher-meio-cegonha, organizava uns paéis.

– Olá – Aya cumprimentou e apontou para uma das máscaras cheias de penas coloridas. – Eu gostaria de comprar uma dessas.

A moça riu, o que soou mais como um gorjeio, e balançou a cabeça negativamente.

– Essas são só para demonstração, não pode comprá-las.

Ignorando a deceção da garota, a moça saiu de trás do balcão e a levou para a bancada no centro da loja.

– Você começa com uma dessas aqui – ela pegou uma das máscaras brancas. Era dura e lisa. – Ela vai te acompanhar durante sua jornada, vocês se transformarão juntas e se tornarão uma coisa só.

– Eu quero virar uma ave com penas bem bonitas e voar bem alto! – Aya falou com entusiasmo.

– E para onde quer voar?

– Não importa, qualquer lugar.



– Qualquer lugar? – a zoantropo falou amigavelmente. – Se não souber para onde ir seus sapatinhos não saberão para onde te levar, muito menos um par de asas.

A garota olhou para baixo, vendo os tais sapatinhos prateados de que tanto gostava e tentou pensar em uma resposta. Nada veio. Ela realmente não sabia para onde gostaria de ir se tivesse asas. Não tinha um sonho. Ergueu o rosto e pegou a máscara. A mulher-cegonha a ajudou a colocá-la e ela se virou para se ver no espelho.

A zoantropo se retirou para atender outra pessoa que entrara na loja e Aya suspirou profundamente pensando em como aquela camada branca e insossa cobriria seu rosto a partir de agora. Olhou ao redor procurando o lobo-guará para irem embora, mas notou o outro cliente com sua própria máscara, que, entretanto, já começava a se moldar em seu rosto revelando algum tipo de textura.

Ela olhou novamente para o espelho e fitou tristemente sua nova face sem vida.



– E se eu não virar um pássaro como quero? – Aya pensou alto enquanto arrumava sua mochila. Passara os últimos dias considerando como seria a forma mais prática de se viajar com pouca bagagem. Acabou por se decidir em levar o essencial: algumas mudas de roupa para climas diferentes, uma manta, escova de dente, escova de cabelo, uma garrafa de água, um canivete, outro par de sapato confortável e um livro.

– Pra quê você quer ser um pássaro? – o lobo perguntou bocejando, deitado no tapete.

– Oras, pra voar! – ao redor da mochila, enrolou uma rede de dormir e a amarrou com dois pedaços de corda.

– E ser pássaro é o único jeito de voar?

A garota pensou e deu de ombros. Deixou a mochila de lado e abriu a caixa com a logo da loja Añemohymba estampada. Dentro havia um certificado de compra, um mapa da floresta Arapy, um pedaço de espelho quebrado e um pequeno manual.



Na primeira página, dizia: *o titular da máscara Añemohymba se propõe a passar por uma jornada de transformação em busca de sua própria Persona. O objetivo é atravessar a floresta explorando-a o máximo que puder. Mas prepare-se, o caminho pode ser árduo.*

Ela folheou o manual sem muito interesse. Achou que tudo faria mais sentido quando chegasse em Arapy.



Poucos dias depois, com uma mochila preparada nas costas, Aya encontrava-se no local que indicava a entrada da floresta no mapa. Respirou fundo e tentou se acalmar. Era difícil saber o que estava por vir.

O lobo ao seu lado cutucou-a com a pata para chamar sua atenção. Ele carregava uma sacola no focinho e entregou para a garota.

– Sua mãe pediu para te entregar – ele esclareceu.

– Obrigada – ela se ajoelhou e o abraçou.

– Não desanime nunca – ele falou com confiança. – Se quiser voar, mesmo sem um par de asas, você vai conseguir voar. Só depende de você.

Ela encheu-se de coragem e vestiu a máscara sobre o rosto. Olhou por cima do ombro para vê-lo ainda ali, observando-a como um pai que finalmente solta a bicicleta da criança para deixá-la andar sozinha, e avançou, passando pelas árvores e entrando naquele novo mundo desconhecido para ela.



Logo ao entrar na floresta, percebeu uma movimentação. Pelo jeito, não era a única recém-chegada. Muitos outros mascarados conversavam, alguns parecendo tão perdidos quanto ela, com faces brancas ou pouco coloridas, outros já com rostos de animais quase completamente formados. Mas não havia ninguém ali com o rosto descoberto.

Toda aquela agitação a deixou confusa. Olhou para trás e pode ver por onde entrara. Bastava alguns passos e ela estaria fora. Mas algo a fazia resistir em dar aqueles passos e desistir da jornada.

Viu como duas garotas, aparentemente também novatas, se afastavam e resolveu se juntar a elas.

– Para onde vão? – perguntou curiosa, ávida por entender um pouco mais sobre aquele lugar.

– Vamos achar um lugar para ficarmos seguras do lobo – uma delas respondeu.

– Quer vir? – a outra convidou.

– Quero... Que lobo?

– Se ficar perdida por aí, sozinha, o lobo te pega.

– E o que acontece se ele nos pegar?

As duas deram de ombros, não sabendo exatamente a resposta, e continuaram andando. Aya achou absurda essa preocupação com lobo, afinal, ela conhecia um que não tinha nada de perigoso e nunca a machucaria, mas não ridicularizaria o medo de alguém que acabara de conhecer.

As árvores grandes pelas quais passavam tinham escadinhas em seus troncos que levavam a uma casa no topo. As que já estavam ocupadas por moradores, ostentavam alguma placa ou escritos nos degraus. Elas visitaram algumas das que estavam vazias buscando uma que agradasse às três.

Após uma longa caminhada, notaram que quanto mais avançavam, mais a mata se fechava. Com o cair do sol, a floresta se escurecia rapidamente. Próximo das árvores acendiam-se pequenas lanternas de papel, iluminando apenas o suficiente para indicar as escadas nos troncos.

Decidiram-se, por fim, por uma das árvores grande o suficiente para estenderem três redes. As estantes eram os próprios galhos, nos quais elas dividiriam espaço com ninhos de pássaros. Ouviram os sons dos animais noturnos acordando. Do alto, Aya podia ver pontos de luz piscando e assistiu a dança dos vagalumes até pegar no sono.



Na manhã seguinte, pegou a sacola que sua mãe lhe enviara. Dentro, havia um potinho com bolinhos de chuva e um pacotinho de sementes. Sorriu, saboreando os bolinhos de sua mãe ao máximo, pois depois que acabassem, não sabia quando voltaria a comê-los.

Nos dias que se passaram, por vezes sozinha, por vezes acompanhada com as colegas de casa, saía com o único intuito de explorar a floresta. Traçava uma rota em seu caderno para não precisar consultar com frequência o mapa grande e confuso, e caminhava para descobrir vários dos pontos indicados nele: onde era a casa de uma bruxa, como chegar até o lago ou qual caverna evitar, pois diziam que em uma delas morava um dragão. Chegava tarde da noite, cansada, mas com várias anotações em seu caderno sobre os lugares que visitara.



erto dia, bem cedo, acordou cheia de disposição. Comeu algumas frutas, pegou sua mochila e partiu para mais um dia de exploração.

Queria encontrar um lugar para plantar e cuidar das sementes dadas pela sua mãe, onde pudesse voltar até florescerem.

Andou por muito tempo e quanto mais avançava, mais a floresta se fechava e as árvores ficavam mais altas e opressoras. O fato de quase não conseguir ver mais o sol por entre as folhagens não a deixou com medo ou incomodada. Achava o farfalhar das folhas somado aos sons dos bichos relaxante e ela poderia passar longos minutos apenas ouvindo o cantar de um pássaro até ser interrompido pelo longíquo grito de um macaco, vendo uma cobra deslizando em um tronco ou sentindo as diferentes fragâncias de plantas diversas. Qualquer coisa podia ser motivo de admiração e a cada dia que se passava, ela se sentia mais em casa.

De repente, deparou-se com uma clareira. Um caminho de paralelepípedos levava a uma área com colunas, algumas retas, outras irregulares, com cabeças e corpos de criaturas totêmicas em seu topo. O local era todo cercado com paredes abertas em arcos de azulejo de onde saiam cabeças de seres parecidos com cobras. Animais de cerâmica se espalhavam pelo chão. No centro, um coreto todo decorado de forma similar, azulejos e cabeças como se fossem gárgulas com uma redoma de vidro no topo. Na lateral, atravessando um dos arcos, havia uma lagoa cercada por grama envolta por estátuas de cerâmica lembrando seres femininos, formas ovais e criaturas diversas.

Aya escolheu uma dessas criaturas de cerâmica na beira da lagoa para se sentar e fazer uma rápida refeição. Tirou seu pote com frutas da mochila, aproveitou para banhar-se na luz branca do sol e olhar ao seu redor. Nas paredes, podia ver diversos desenhos de animais e plantas. O local todo tinha um ar místico, quase sagrado.

Terminando de comer, ela retornou para investigar o coreto. O interior, estranhamente, parecia muito maior do que do lado de fora e no seu centro, havia uma grande árvore. De seus galhos, pendiam frutos dourados tentadoramente suculentos e quanto mais Aya olhava, mais desejava prová-la. Entretanto, ao se aproximar ouviu um rosnado que a fez estremecer.

Embrenhado entre as raízes, viu um cachorro com olhos de fogo encarando-a com os dentes ameaçadoramente à mostra. Seu corpo era de lagarto o que fez a garota pensar em algum tipo de dragão. Ela se afastou lentamente.

Fora da vista da quimera meio-cão-meio-lagarto, logo na frente do coreto, reparou que em cima de um dos pilares, a estátua tinha a forma da criatura que acabara de ver. Se aproximou e encontrou inscrições em sua lateral. Reconheceu a escrita, mas além de as letras estarem desgastadas, não era exatamente fluente naquela língua. Com esforço, conseguiu entender que seu nome era Teju Jaguá, ele tinha seis irmãos, era o protetor da árvore e seus frutos, mas em seguida a história ficava confusa, mencionando um elixir dourado cultivado por ninfas douradas e a menção a um nome: *Melissa*.

Sete pilares acompanhavam Teju Jaguá formando um círculo ao redor do coreto. Ela analisou um por um, tentando decifrar as inscrições.

Mboi Tu'i, estava escrito logo abaixo da estátua com aparência de uma quimera com corpo de serpente e cabeça de papagaio. *Gosta de lugares úmidos e floridos. (...) Não ataca pessoas, mas seu olhar assusta e dá má sorte.*

Moñai, um corpo de cobra, par de chifres na cabeça e presas afiadas. *Gostava de roubar vários objetos e escondê-los em uma caverna. Foi morto por uma jovem que fingiu estar apaixonada por ele (...).*

Jaci Jaterê, o pilar mostrava uma pessoa baixa, parecendo criança, loiro e de olhos azuis., *Sempre carrega um cajado que tem o poder de fazer os outros dormirem (...).*

Kurupi, uma pequena criatura com olhos negros sem pupilas e com o falo tão grande que estava enrolado na cintura. *À noite, procura por homens perdidos para se satisfazer sexualmente. Ocasionalmente também ataca mulheres (...) em noite de lua nova.*

Ao Ao, meio carneiro meio humano, portando um par de presas afiadas. *Tem vários filhos iguais a ele. (...) Gosta de carne humana e persegue sua vítima a grandes distâncias.*

Luison, tem a aparência de um lobo deformado com uma grande mandíbula cheia de dentes. (...) *O mais temido entre os irmãos. Costuma vaguear a procura de vítimas em situações vulneráveis.*

Mesmo achando alguns dos irmãos de Teju Jaguá assustadores, ela não parava de pensar no significado de *Melissa* e em qual gosto teriam os belos frutos dourados.

Lembrando-se de suas sementes, aproveitou para voltar à beira da lagoa. Sabia que certamente retornaria àquele lugar para desvendar o tal mistério, além de que ali batia sol e era úmido, parecia um bom lugar para plantas florescerem. Abriu pequenos buracos na terra e depositou as sementes, cobrindo-as delicadamente. A natureza sempre encontra maneiras de retribuir gentileza ou pelo menos era o que sua mãe costumava dizer.

Satisfeita, levantou-se, mas antes que pudesse se afastar, viu de canto de olho uma bolota dourada. Virou-se rapidamente e encontrou uma abelha quase do tamanho de seu punho, de um amarelo tão intenso que parecia uma gota do sol, pousando em uma flor e foi como se as peças de um quebra-cabeça se encaixassesem.

— ...Melissa? — Aya chamou incerta, apostando em seu palpite.

A abelha adotou uma postura defensiva, erguendo seu abdômen deixando o ferrão pronto para atacar.

— Espera, você é quem estava plantando aquelas sementes, não era? — o inseto zumbiu.



Aya assentiu com a cabeça vigorosamente e a abelha se aproximou voando ao redor de sua cabeça como se a estudasse com atenção.

– Você é a Melissa não é? Eu só queria um pouco de mel, por favor...

– Todas da minha colmeia somos *Melisses*! – a abelha explicou e pareceu pensar por alguns segundos. Olhou para a terra afodata onde as sementes haviam sido plantadas antes de se decidir. – Siga-me.

Sem conseguir acreditar na sua sorte, a garota correu atrás do inseto sem pestanejar. Conforme avançavam, ouviram um zunido tão forte que ela não conseguiu entender o que a abelha tentou lhe falar. *Melissa* disparou na frente e Aya correu para acompanhá-la, parando de supetão poucos passos depois quando se deparou com uma cena espantosa.



As abelhas batalhavam ferozmente contra pequenos seres humanoides de asas portando lanças e outras armas tão afiadas quanto os ferrões. Milhares de fadas e insetos dourados se digladiavam no ar e a cada segundo dezenas caíam no chão para não mais se levantarem.

Aya simplesmente não sabia o que fazer, não tinha ideia da razão do combate e os combatentes se moviam tão rápido que ela mal conseguia acompanhar. Quando uma flecha passou de raspão em seu braço resolveu que ali não era seguro e tentou dar a volta para procurar a colmeia. Manteve-se abaixada, tentando não pisar nos corpos, rodeou o campo de batalha, mas não tinha como se aproximar. A colmeia estava em uma árvore bem no centro de toda a confusão.

Assustou-se com um grito bem ao lado de sua cabeça. Virou-se para ver uma das fadas montada em uma libélula atacando, erguendo uma espada do tamanho de um dedo mindinho humano. A montaria da fada-guerreira logo foi abatida por um ferrão bem mirado, mas ela se vingou decapitando a abelha culpada pelo ato. Entretanto, a vitória da fadinha não durou muito, pois outra abelha, vinda por trás, perfurou-a no meio das costas. Heroicamente, ela ainda conseguiu estocar a sua atacante com sua espada, mas caiu no chão em seguida, sem forças.

Um pouco trêmula, Aya quis sair dali e se esquecer do tal elixir dourado e das frutas suculentas. Ainda com os olhos na batalha, não prestou muita atenção para onde ia até trombar em algo.



Ao redor de uma mesa sentavam-se pessoas cobertas de flores, ou melhor, era como se diversas flores tivessem se amontoado até formarem um ser consciente em forma praticamente humana. Ao que tudo indicava, estavam tomando chá, até serem interrompidos.

– Também estava assistindo? – um dos buquês, ou era o que a garota passou a chamá-los mentalmente, perguntou.

– Sente-se – outro ofereceu, puxando uma cadeira e servindo uma xícara cheia.

Ela aceitou a oferta, ergueu a máscara e bebericou o líquido amargo.

– Você está pálida como um copo de leite – outro buquê comentou – Quer um pouco de mel para adoçar? – ofereceu, e ela quase engasgou.

– Mel? Seria, por acaso, mel daquelas abelhas? – Aya perguntou apontando para a luta que acontecia a poucos passos dali.

– Claro! – outro respondeu com orgulho, erguendo um potinho. – É o melhor de Arapy. As abelhas tiram o néctar de nós e partilham o mel conosco.

Aya não pode deixar de notar a ironia em flores bebendo chá feito de folhas que cresciam em seus corpos e o adoçando com o mel que era feito delas mesmas.

– Eu queria um pouco para levar para Teju Jaguá – a garota explicou num tom quase suplicante.

– Ah... – um dos buquês resmungou – não sei, com essa guerra acontecendo, a produção delas pode cair e ficaremos sem...

– Elas podiam chegar a um acordo!

– Com tantas árvores na floresta, vão brigar logo por uma...

– Um absurdo! Alguém devia intervir e colocar bom senso na cabeça delas...

Os buquês apenas balançaram a cabeça em desaprovação, continuando a resmungar e bebericar o chá, parecendo esquecerem-se completamente dela.

– Pode levar – o buquê sentado ao seu lado falou em tom confidencial, entregando-lhe um potinho.

Aya sussurrou um agradecimento, despediu-se e rapidamente bateu em retirada.

Foi quando percebeu que escurecia e não sabia exatamente onde se encontrava. Tirou o mapa da mochila, ansiosa para encontrar onde estava, pois a luz se esvaiia a cada minuto. Foi quando sentiu, mais do que ouviu, algo ou alguém próximo. Olhou em volta e deparou-se com uma silhueta meio escondida atrás de uma árvore. Não podia distinguir exatamente o que era, mas podia ver um olho vermelho brilhando na escuridão. Sentiu um calafrio e lembrou-se das histórias do lobo que ouvira das outras duas garotas.

Engoliu seco pensando em como fugir e se assustou quando uma luz iluminou seu rosto.

– Ei, está perdida? – a voz masculina vinha detrás dela e por isso se virou, encontrando uma máscara quase que completamente com as feições de um cão buldogue. Uma grande mochila em suas costas parecia não dar conta do seu conteúdo, extravasando tralhas de todo o tipo pelo zíper meio aberto. Em uma das mãos, uma pasta, na outra, a lanterna apontada para ela. – Não deveria andar sozinha a essa hora. Não ouviu falar do lobo que tem por aí? Se bobear, ele te pega.

Ao se virar novamente, não viu mais a sinistra silhueta e soltou um suspiro de alívio. Ela confirmou que estava mesmo perdida e começaram a andar.

– Acha que esse lobo é mesmo perigoso? – ela perguntou.

– Não sei – ele deu de ombros, fazendo sua mochila tilintar. – Nunca vi, mas dizem que quando ele aparece, ninguém fica para contar história.

– Deve ser só exagero... – a garota comentou, não muito confiante.

– Pode ser, mas eu que não quero descobrir. Quero achar um jeito de passar por um Araresa antes de sentir na pele o quanto afiadas são as presas desse lobo.

– Araresa?

– É... você leu o manual?

– Li. Quero dizer... folheei – soltou uma risada envergonhada.

– Cada saída da floresta está bloqueada por um bicho de sete cabeças – ele explicou pacientemente.

– Espera – ela interrompeu – quer dizer que eu não posso sair daqui depois que atravessar a floresta?!

– Mas esse é o desafio desse lugar. Essas criaturas não podem ser mortas, então o jeito é achar um meio de passar por elas.

Aya ficou em silêncio digerindo a informação. Logo, viram várias luzes características de onde se situava o conglomerado de casas na árvore, onde a maioria dos recém-chegados se instalava e que chamavam de dormitórios.

– Muito obrigada – ela agradeceu com toda a sinceridade que conseguiu expressar na voz.

– Sem problema. E você se não esquece mais o mapa. Faz que nem eu – brincou, apontando para sua mochila estufada – e carrega tudo com você o tempo todo – com um último aceno, ele deu as costas e se foi.





O manual não continha muito mais informações sobre Araresa, mas ela notou o curioso detalhe de que não constava a quantidade de cabeças na descrição.

Depois de muito considerar, chegou à conclusão de que o buldogue estava certo. Levaria todos os seus pertences consigo e viveria na floresta, aproveitando tudo o que ela tinha para oferecer, livre como o pássaro que queria se tornar. Aproveitou que sua mochila ainda estava pronta, pendurou-a no ombro e deu adeus à casa na árvore. Ficou tão animada com a ideia, que passou os dias seguintes explorando. Encontrou vários grupos espalhados que compartilhavam casa e comida contanto que o visitante concordasse em ajudar em certas tarefas, mas a garota queria dormir ao relento em sua rede, tomar banho de rio e comer o que colhia.

Suas andanças a trouxeram de volta ao coreto e quis testar se sua teoria do elixir dourado estava certa. Com o pote aberto de mel em mãos, entrou calmamente. A cabeça de cão apareceu por detrás do tronco, farejando o ar. A garota colocou o pote no chão e Teju Jaguá pulou em cima dele como se fosse uma presa, lambendo seu conteúdo avidamente.

Aproveitando a deixa, Aya largou sua mochila no chão e escalou a árvore. Apanhou um fruto perfeitamente redondo e se esticou para pegar outro, mas ouviu o rosnado. Teju Jaguá deu uma última lambida e voltou sua atenção para ela. Sem querer abusar da sorte, saltou do galho em que estava e correu, pegando sua mochila no caminho.

Respirou aliviada e sentou-se em uma das estátuas na beira do lagoa. Alisou a fruta com adoração, sentindo seu cheiro adocicado. Com grande expectativa, preparou-se para a primeira mordida... quando percebeu uma mancha rosa aparecer na superfície da água e viu a cauda do boto jogar água em sua direção, atingindo-a em cheio. Ela deixou a maçã cair e, antes que pudesse reagir, assistiu-a como que em câmera lenta quicar em seu joelho e submergir. Ainda podia ver um fraco brilho dourado se movimentando, sendo levado pela correnteza. Correndo pela margem, seguiu o brilho até seus pés se afundarem em areia e o dourado ser pego por uma onda e desaparecer.

Sem pensar duas vezes, livrou-se de sua mochila e jogou-se no mar e, por um momento, achou ter visto o brilho novamente afundando, mas seu fôlego não aguentou a perseguição e precisou voltar para a superfície. Grunhiu frustrada para, só então, perceber onde estava: uma pequena praia remota onde toda a areia era colorida. Os grãos com cores diferentes se misturavam criando formas e relevos, cada brisa soprada os fazia dançar como um tapete ondulante e inconstante. Quando a água do mar se encontrava com a areia, tomava as cores para si, dissolvendo os grãos, e deslizava pelo chão como aquarela sobre o papel.

Encostado em uma rocha próximo dali, havia um casebre bem simples e, na sua frente, havia um ser tão colorido quanto a areia em que pisava mexendo com várias garrafas. Sua coloração, na parte de cima, era de vários tons de verde azulado e, embaixo, vários tons de vermelho. Apesar da cabeça humanoide, dela saltavam dois olhos imensos capazes de girarem de forma independente e duas antenas ocupavam o lugar onde ficariam as orelhas. Da cintura para baixo, o corpo era segmentado, possuindo diversas patas.

Curiosa, Aya saiu da água e foi até o tal ser observar o que ele fazia.

– O que está fazendo? – ela perguntou.

Os grandes olhos se viraram para ela e se estreitaram. Em silêncio, ele pegou uma pequena garrafa, encheu-a de areia até a metade, pegou um punhado de água, preencheu a outra metade e chacoalhou-a por alguns segundos, parecendo muito concentrado. Depois esperou o conteúdo da garrafa se assentar e mostrou para a garota. Havia se formado uma imagem abstrata com fios de cores variadas que a garota nem sequer conseguia descrever. Para Aya, era como olhar para algo que seu cérebro simplesmente não compreendia.

Ainda boquiaberta, ela recebeu sem questionar uma garrafinha dele e, sem precisar de instruções, repetiu o processo. Porém, quando a areia misturada com água do mar se assentou em sua garrafa, uma imagem clara, distinguível de todos os ângulos se formara: era ela mesma no fundo do mar com braços longos e guelras segurando um ponto dourado.

Ele analisou o conteúdo da garrafa de Aya e riu.

– No que estava pensando?

– Ah? Eu estava pensando... – ela ponderou – que se eu pudesse respirar debaixo d'água e se eu tivesse me esticado um pouco mais teria alcançado uma coisa que perdi no mar.

– Essa areia – ele explicou – é capaz de mostrar o que você está realmente pensando.

– Mas então... – a garota apontou abobalhadamente para a garrafa que o zoantropo lhe mostrara antes.

– É que eu sou capaz de ver o que você não consegue nem imaginar. E dessa forma, posso compartilhar com outros o meu ponto de vista. Quer ver mais?

Ela assentiu vigorosamente e aquele ser, meio-humano-meio-lagosta, pegou outra garrafa maior. Contou histórias de sereias, cidades marinhas, navios naufragados e ilustrou-as com a ajuda da areia e da água. A garota assistia fascinada às imagens que mudavam cada vez que eram chacoalhadas.

– O fundo do mar parece incrível – Aya comentou encantada.

– E pra você se lembrar disso, vou te dar essa daqui – ele pegou um martelinho e começou a quebrar, muito delicadamente, o vidro da garrafa.

– Não! – a garota interrompeu – Eu gosto assim – ela apontou para a representação fluída de um tesouro perdido, incluindo um tridente, entre corais e peixes.

– Essas garrafas são especiais – o zoantropo explicou – enquanto a imagem está em uma delas, é o seu pensamento, apenas uma ideia – pegou a garrafinha que dera para a garota anteriormente e mostrou. A cena que ela fizera estava borrada e sumindo, se apagando como uma memória distante. – Mas ideias se esvaem se não se tornam reais.



Aya subiu a lagoa novamente com o presente que ganhara do estranho e colorido zoantropo. Depois de ele quebrar a garrafa cuidadosamente, parte da água vazou e a areia se solidificou como uma escultura de pedra cilíndrica.

Chegando onde estavam os pilares, foi checar se as sementes que plantara progrediram. As plantas haviam crescido e os botões de flores pareciam prestes a desabrochar. Sua mãe lhe ensinara que falar com as plantas ajudava em seu crescimento. Sem saber o que dizer e sentindo-se boba em tentar conversar com o que não podia lhe responder, resolveu tirar o livro que carregava em sua mochila, abriu em uma página aleatória e começou a ler em voz alta:



Era uma vez um vampiro narcisista. Ele se convencera de sua beleza, mas seu maior castigo era não poder ver seu reflexo. Nenhum espelho cedia aos seus encantos, a água ignorava suas súplicas, nenhuma câmera fotográfica captava seu esplendor, nem mesmo olhando profundamente nos olhos de outra pessoa podia encontrar sua silhueta.

Um dia, porém, encontrou-se com um tanuki. Sabia que tal criatura tinha a capacidade de metamorfosear em praticamente qualquer coisa e tinha uma insaciável sede pelo álcool, então barganhou: se o tanuki se transformasse no vampiro, ele lhe daria uma garrafa de vinho.

Entretanto, muito astuciosa, o tanuki logo percebeu pelo cheiro que na garrafa não tinha vinho, mas sangue. Por ter uma natureza traízoeira, ele aceitou a aposta, se transformando em um monstro, cheio de brotoejas espalhadas pelo rosto, olhos completamente brancos esbugalhados, dentes afiados e tortos e musgo ao invés de cabelo.

Aterrorizado, o vampiro atacou o ser abominável com a garrafa, espatifando-a na cabeça do tanuki, matando-o. Depois, sem conseguir suportar a possibilidade de ter uma face tão horrenda, cortou-se com os cacos da garrafa que se quebrara e deixou todo o sangue de sua última refeição drenar de seu corpo.



Enquanto falava, ela não percebera que uma das flores se agitava. Ao terminar de ler o conto, perguntou-se se tinha sido uma boa ideia, uma vez que a história não era exatamente inspiradora. Voltou a olhar para as plantas e viu o botão que se agitava desabrochar. As pétalas se desenrolaram lentamente, revelando em seu interior um pequeno passarinho azul. O passarinho se chacoalhou e olhou ao redor, como se tentasse reconhecer o mundo que se revelara para ele. Já tinha algumas poucas penas e a garota o segurou gentilmente.

Foi quando um grito agudo e aterrorizante lhe deu um frio na espinha. Do outro lado do lago, viu um corpo comprido coberto de escamas verdes que gradativamente se tornavam penas ao chegar à região da cabeça, onde havia um grosso e curto bico. Surpresa, a garota reconheceu Mboi Tu'i pela estátua que vira. Antes que pudesse desviar o rosto, seus olhos se encontraram e ela sentiu uma terrível sensação de mau agouro.





passarinho logo aprendeu a voar, mas ele preferia ficar ao lado da garota. Ao anoitecer e pelas manhãs, ele cantava docemente ninando-a para um bom sono ou acordando-a para um novo dia de andanças. Ela passava os dias na floresta vagueando, buscando novas experiências e o pássaro estava sempre por perto lhe dando uma sensação de segurança e companhia. Como nômade, conheceu várias partes de Arapy e várias pessoas como ela. Acabara por se acostumar a ver outros com máscaras e a dela já não a incomodava mais.

As palavras do zoantropo que conhecera na praia não a abandonaram e passou quase uma semana para montar o seu próprio par de asas e tornar o seu desejo realidade. Nos últimos dias, recolhera todas as penas que encontrara. Pegou um longo pano retangular que, segundo a vendedora, era de um material especial, e colou penas ao redor mais por decoração do que por qualquer outra coisa. Em uma das extremidades, recortou e costurou um botão para poder prender em volta do pescoço.

Depois, escalou uma árvore, sentou-se no galho, respirou fundo e se jogou, conseguindo planar desajeitadamente, com as “asas” formando um paraquedas, até capotar no chão. O passarinho rodeou sua cabeça como se a desaprovasse.

– Vai acabar se machucando.



Aya ouviu a voz feminina acompanhada de uma risada. Ficou envergonhava por sequer achar que aquele plano poderia dar certo e mais ainda por ter sido flagrada estatelada no chão, enrolada na capa com penas espalhadas ao seu redor.

– Não precisa ficar com vergonha – uma mulher com cabeça de um felino se aproximou, muito bem vestida, ostentando jóias e carregando um pandeiro, mas o que espantou a garota foi a estranha notar seu constrangimento e isso queria dizer que seu rosto estava se fundindo com a máscara.

– Eu só queria... praticar pra quando... ahm... – Aya balbuciou.

– Vai ter muito tempo pra isso depois, não precisa ter pressa, tem que curtir enquanto é jovem! – a recém-chegada ronronou. – Ei, estou indo tocar com a minha banda, quer vir?



Praticamente acostumada com situações aleatórias na floresta, a garota não quis deixar passar a oportunidade, então concordou. Ela pensou em se arrumar, mas a zoantropo já seguia caminho, então apenas calçou seus queridos sapatos prateados antes de segui-la.

Não andaram muito até chegarem a uma extensa área sem árvores que tinha, ao centro, um casarão. Havia gente por todos os lados conversando animadamente e com taças nas mãos. As duas foram para os fundos onde um galo, um cão e um burro esperavam a mulher-gato. Após rápidas apresentações, Aya recebeu também uma taça; o som começou a fluir, ela arriscou uma tímida e desajeitada dança após algumas músicas. distraída, seu braço esbarrou em uma das muitas pessoas que se ajuntaram para ver o show, fazendo sua taça virar e o vinho vermelho derramar, tingindo os seus sapatos.

Xingando mentalmente sua falta de sorte, foi procurar um banheiro para limpar os sapatos antes que o líquido secasse e os manchassem. Com o banheiro do piso térreo ocupado, subiu as escadas e, como esperado, o andar de cima estava menos tumultuado.

Procurando a porta certa, surpreendeu-se com uma mão fechando-se ao redor de seu braço, puxando-a para dentro de um quarto.

Ela se desvencilhou da mão que a segurava e encarou seu atacante, que bloqueava a porta. Era baixo, com um sorriso cruel, olhos completamente negros. Seu corpo estava coberto por uma pele de cordeiro, a qual ele jogou no chão revelando sua mais bizarra característica: um falo tão comprido que se enrolava na cintura.

O falo desenrolou-se e esgueirou-se por debaixo do vestido dela como se tivesse vida própria. Com um grito, ela empurrou o pênis, sentindo um nojo que a fez estremecer. A criatura jogou-se em cima dela e agarrou seus punhos. Aya deu joelhadas, cotoveladas, chutou e até mordeu, mas mesmo enquanto lutavam, o falo deslizava por entre suas pernas.

Em um momento, ela gritava e se debatia, completamente aterrorizada, no outro, o grito que soou não era mais o seu e o peso que a prendia não estava mais lá. Seu pássaro azul bicava incessantemente o seu atacante, desviando-se agilmente das mãos do pequeno monstro.

Aproveitando esse momento, Aya ignorou suas pernas trêmulas, ficando de pé e correndo para a janela. Ao impulsionar-se para fora, olhou para o alto e viu o brilho tênue da lua nova. Segurou as laterais de sua capa firmemente e planou floresta adentro.

A floresta adensava-se exponencialmente, era cada vez mais difícil para ela conseguir manter os braços abertos, e quanto mais as árvores se ajuntavam, mais escuro e mais difícil para ela conseguir manobrar. Inevitavelmente, seu braço atingiu um galho e a garota rodopiou no ar, sendo arremessada para o chão, onde rolou por vários metros.

Mesmo sentindo dores pelo corpo, o medo ainda a dominava. Não sabia se estava sendo seguida, então se levantou e andou o mais rápido que pôde. Encontrou um esconderijo entre uma pedra e um barranco e lá se encolheu, os braços ao redor dos joelhos e o rosto cheio de lágrimas umedecendo sua máscara por dentro. Ela não percebeu, mas toda sua pele mudou de cor, mesclando-a com o ambiente e, mal sabia ela que sua camuflagem a salvou de ser pega novamente pelo monstro.



Somente quando amanheceu Aya ousou se mexer. Levantando-se, precisou se escorar na pedra, pois havia um corte profundo em sua panturrilha direita que doía e sangrava quando ela tentava apoiar seu peso na perna ferida. Também constatou que sua capa estava toda rasgada. Precisou respirar fundo para se acalmar e tentar se situar. Caminhou cambaleante, afastando os pensamentos de fome, cansaço e no quão assustada e perdida estava.



Foi quando viu um coelho branco tão grande que, de pé, deveria ser do tamanho dela.

– Ei! – ela chamou e conseguiu sua atenção. – Estou machucada... será que pode me ajudar?



Ele a encarou por alguns segundos e fez um gesto com a pata, chamando-a, e a guiou até um pequeno vale onde, de ambos os lados dos montes, havia portas redondas. Parecia um tipo de comunidade de coelhos, alguns pareciam mais animais embora grandes, outros eram mais humanos, a maioria tinha plantas, flores ou árvores crescendo do topo de suas cabeças. Ela não conseguiu decidir se os achava bonitinhos ou bizarros.

Aya foi levada até uma porta na qual o coelho que ela seguia bateu. Outro coelho, de colete, paletó e óculos, atendeu e logo a deixou entrar.



– Deixe-me dar uma olhada... – o coelho ajeitou os óculos e analisou o ferimento na perna da garota. – É um corte feio, mas acho que não vai precisar de pontos.

A garota se afundou na poltrona, deixando o coelho cuidar de seu ferimento. A toca era bem aconchegante e tinha um suave cheiro de ervas, como o remédio aplicado em seu corte.

Assim que terminou, ele se retirou e retornou com um bule de chá e xícaras. Serviu uma e ofereceu-a para a garota.

– Beba, vai te fazer melhor. Você não parece muito bem, está trêmula.

Ela obedeceu. Sentiu seu corpo se aquecer e recuperar um pouco de energia.

– Obrigada – agradeceu, apesar de estar atenta à janela, na esperança de que o pássaro azul aparecesse a qualquer momento.

– Você parece cansada – o coelho notou. – Venha, vou te levar a uma das tocas desocupadas para que possa dormir tranquila.



Horas depois, acordou desorientada. Estava em uma toca pequena, dentro do chão, uma janela no teto e na parede ao lado da porta, permitiam a entrada de luz. Havia poucos móveis, incluindo o colchão no chão no qual ela estava deitada. Aya só queria esquecer completamente do dia anterior e agradeceria por qualquer coisa que a distraísse... como o cheiro de comida inundando a toca. Trocou suas roupas e seguiu o cheiro, que a levou a descer para o centro do vale, onde a vila estava reunida para o almoço na grande praça central, ao redor de várias mesas com panelas, travessas, pratos e talheres.

Morrendo de fome, a garota não se acanhou. Alguém lhe ofereceu um prato e ela se serviu. Como o esperado, a comida era vegetariana.

De barriga cheia, perguntou onde poderia se lavar, alguém a levou até uma bica com paredes ao redor onde, finalmente, tomou um banho. Limpa e alimentada, voltou para sua toca com a intenção de pegar sua mochila e... e o sono bateu com força. Ela precisou se deitar e seus olhos se fecharam pouco depois.

Mais uma vez, acordou confusa. O sono fora tão repentina e avassalador que ela não conseguira resistir. Contudo, quando acordara antes do almoço, sentira-se revigorada o que a fez estranhar ter dormido tão repentinamente pouco depois. Espreguiçou-se e foi até a praça mais uma vez, notando o silêncio, tão diferente de como estava durante a refeição comunitária.

– Ah, vejo que acordou – o coelho-médico, sentado em um dos bancos, comentou. – Espero que esteja se sentindo melhor.

– Sim, estou bem melhor, obrigada. Cadê todo mundo?

– Descansando, é hora da sesta – ele a chamou para se sentar ao seu lado. – Falei com o conselho e todos concordaram que você pode fazer parte da comunidade se ajudar com...

– Espera, está falando de eu ficar aqui?

– A não ser que você tenha outro modo de pagar.

– Pagar? Não, mas não sei se quero morar aqui. Quero dizer, nem tinha pensado nisso. Talvez eu possa...





— Olha, já passaram muitos como você por aqui — ele falou gentilmente — sei que vocês jovens gostam da sensação de serem livres, sem pensar muito no futuro ou em consequências. Mas viver em sociedade é natural e necessário. Ficar perambulando por aí é perigoso, não ouviu falar do lobo? Aqui, todos se ajudam, o que nos mantêm seguros e podemos levar uma vida tranquila.

Ela ficou em silêncio, sem saber o que responder. Devia ter imaginado que a ajuda teria um custo.

O médico levou-a até outra toca e deixou-a aos cuidados de uma mulher-coelho. Entre suas orelhas, uma teia era continuamente tecida por uma pequena aranha esbranquiçada. Um fio da teia descia até as mãos da coelha onde ela tricotava o fio de seda com agulhas.

— O inverno está chegando e vou precisar de ajuda para fazer roupas quentes. O que acha? — a coelha perguntou, oferecendo à garota um assento em frente a uma roca de fiar.

— Eu não sei mexer nessa coisa — explicou, rodando a roca experimentalmente.

— Isso pode ser remediado.



Aya se instalou facilmente em sua nova moradia. De início, estranhou a ideia, parecia uma decisão repentina, mas quanto mais pensava, mais gostava de *fazer parte* de algum lugar e, principalmente, queria voltar a se sentir segura.

Sua recepção foi calorosa e ela confirmou suas suspeitas de que era um dos poucos não-coelhos vivendo ali. Sua instrutora começou os ensinamentos de como usar a roca e o tear, e logo descobriu uma enorme satisfação em ver os fios se entrelaçando. Ela só precisava se acostumar com a estranha onda de sono que parecia abater todos da vila, inclusive ela, logo após o almoço.

Alguns dias se passaram e, certo entardecer, ela se encontrava deitada, descansando suas costas doloridas por passar tanto tempo sentada, e seus braços cansados, após horas tecendo. Estava quase pegando no sono quando ouviu uma barulheira do lado de fora. Da janela, observou um tumulto na praça que parecia se concentrar ao redor de um trono.

Curiosa com a agitação, mas sem vontade de enfrentar a aglomeração, desceu até lá, ficando um pouco afastada, e ergueu-se nas pontas dos pés para tentar ver melhor. No trono, vestindo um manto de lã dourado, joias combinando e um adorno florido na cabeça, sentava-se o que poderia ser descrito como uma quimera. A garota nunca havia visto uma daquela forma e foi com fascínio que notou que várias partes do seu corpo eram de animais diferentes como o rosto calmo de vaca, mãos como patas delicadas de rato, longas orelhas de coelho, mas o que mais lhe chamou a atenção



era o terceiro olho no meio de sua testa atento a tudo. A sua expressão era séria e ela praticamente não se movia, apenas sentada, parada quase como uma estátua.

Então iniciou-se uma cantoria soando como um mantra e, sem poder se aproximar mais, a garota voltou para a sua toca, levando muitas horas para conseguir dormir por conta do barulho no lado de fora.

No dia seguinte, levantou-se com dificuldade pela manhã, sonolenta. Agradeceu pela máscara cobrir suas olheiras.

– O que aconteceu ontem à noite? Quem era no trono? – perguntou logo após se sentar na frente da roca na casa de sua instrutora.

– É a nossa deusa Arasy. A muitas gerações atrás, ela derrotou Ao Ao que aterrorizava nossa vila e tomou para si sua lã dourada como manto – contou empolgada – Você tem que aprender os mantras para participar dos cultos. Acontecem uma vez por semana.

A tecelã sentou-se ao lado de Aya e disparou a falar de mantras, orações, dogmas, não abrindo espaço para contestações.

Os dias que se passaram não foram exatamente como a garota esperava. Ela estava gostando de aprender algo novo e mal podia esperar para fazer o seu primeiro cachecol. Escolhera cuidadosamente as cores e via-se profundamente concentrada na tarefa. Entretanto, a sua professora tecelã a fazia parar com o trabalho para orarem, e depois lhe ensinar mais sobre a história e os ensinamentos da deusa.

Após alguma insistência, Aya prometeu que compareceria aos cultos; promessa que cumpriu, mas não por muito tempo. Praticamente toda a vila se reunia no templo para recitar mantras e, após algumas vezes, aquilo se tornou repetitivo e sem sentido para a garota.

Certa vez, durante um culto, enquanto os outros ao seu lado rezavam de olhos fechados em completa devoção, ela suspirou pesadamente, entediada. Seus olhos se perderam na decoração suntuosa do templo vermelha e dourada, tão diferente do resto da simples e modesta vila. Segundo os desenhos espiralados do tapete no qual estavam ajoelhados, ela chegou até sua própria mão... e não viu nada. Seus olhos se arregalaram ao perceber que sua mão, seu braço, suas pernas se mesclaravam com o ambiente. Sua perplexidade foi substituída por excitação e, ao erguer o rosto, encontrou os olhos da deusa encarando-a intensamente com uma expressão ilegível. A garota sentiu-se constrangida, como se estivesse desrespeitando a casa dela, um local sagrado, que foi a última desculpa para não mais voltar ali.

No dia seguinte, procurando um lugar afastado para poder treinar sua habilidade recém descoberta, deparou-se com a biblioteca em uma das portas quase na saída da vila. Lá, encontrou um refúgio de tranquilidade onde aprendeu a se mesclar entre as estantes dos livros e fugir das broncas



de sua professora por se ausentar das lições sobre a deusa, além de não mais se entediar com tantos livros contando histórias diferentes. Imaginou se sua própria história seria interessante o suficiente para um dia ser colocada em um livro ou talvez ela poderia tornar sua história interessante com um pouco de ficção aqui e ali.

Aos poucos, os moradores da comunidade começaram a notar sua ausência nos cultos e, de repente, não tinha mais lugar na mesa para ela durante as refeições, não lhe davam bom dia quando passava pela praça e até sua professora começou a lhe tratar mais friamente. Nem todos a desaprovaram, mas era o suficiente para lhe dar nos nervos. Ela passou a reconsiderar sua decisão de ficar na vila quando começou a sentir que talvez não fizesse parte daquele lugar.

Aquela vida na comunidade era conveniente, mas ela se tornava inquieta. Por mais que tivesse se esforçado, ela percebeu que simplesmente não estava se adaptando àquela sociedade. Recuperava sua coragem a cada dia e não queria se conformar em ficar em um lugar que não conseguia chamar de casa. Era por essa razão que, há meses, em suas horas vagas, ela começara a tecer uma segunda tentativa de um par de asas usando o fio extremamente resistente da aranha que residia na cabeça de sua instrutora. Ela tingiu o fio de um belo vermelho e, após um trabalho muito cuidadoso e lento que durou vários meses, adicionou o par de asas, também tecido.

Mal podia acreditar que havia terminado sua capa após arrematar a última linha. Admirou seu trabalho por longos segundos, orgulhosa de seu acabamento. Retornou praticamente saltitando para a sua toca, ignorando o almoço. Tirou seus pertences do baú onde estavam guardados, despejando-os em sua cama, mas antes que pudesse arrumar sua mochila, o sono da sesta bateu sem aviso fazendo-a praticamente desmaiar no tapete.



Quando acordou, soltou um longo suspiro. Estava certa de que havia uma causa não natural para esses ataques de sono, mas todos da vila estavam tão acostumados que não pareciam se importar.

Voltou sua atenção para seus pertences espalhados na cama e notou que a memória de areia que ganhara do zoantropo na praia sumira. Antes de poder se revoltar, o passarinho azul entrou pela janela piando agitadamente, circulou sua cabeça, pegou uma das lanternas penduradas no teto e bicou a porta. A garota não perdeu tempo em colocar o que restara na mochila, vestiu sua capa e abriu a porta. A ave disparou a voar e ela a seguiu.

Não muito longe dali, depararam-se com uma caverna. Sem hesitar, ela prosseguiu sem perder de vista o ponto de luz que o passarinho se tornava na escuridão. Logo em seus primeiros passos, tropeçou em diversos objetos até distinguir o chão irregular coberto de moedas, barras de ouro e prata, mas principalmente cheio de tralha: canetas, sapatos, talheres, chaves, colares, todo o tipo de coisa.





O passarinho não parecia mais tão certo para onde ia, mas ambos continuaram com cautela se aprofundando na caverna. Alguns passos além e ela ouviu mais à frente:

– Ué... o que é isso?

Aya se encostou o máximo que pôde na parede e sua pele mudou de cor, igualando-se ao ambiente, como se sua máscara estivesse se espalhando por todo o corpo.

O dono da voz se aproximou da luz, que revelou um menino de cabelos loiros. Ele balançou o cajado que carregava e o passarinho caiu no chão, imóvel, dormindo profundamente.

A garota observou o menino se abaixar para pegar a lanterna e usá-la para iluminar em volta. Ela ganhara confiança em sua habilidade de camuflagem, sabia que não seria vista, então aproveitou para analisar o menino e lembrou-se dele nas estátuas. Estava certa de que estava de frente a Jaci Yaterê. Ele, sem ver ninguém, ajoelhou-se colocando seu bastão no chão para pegar o pássaro e estudou-o com uma expressão confusa.

Aproveitando a oportunidade, Aya se aproximou pé ante pé e, rapidamente, pegou o bastão e saltou para trás. Ele se assustou, largando a ave, e encarou de boca aberta a garota que parecia um pedaço da parede ambulante.

– De onde você saiu? O que está fazendo aqui? – ele perguntou num misto de assombro e irritação.

– Você pegou algo que é meu – ela acusou.

– Me dá o meu bastão! – Jaci exclamou batendo os pés no chão como uma criança birrenta.

– Devolvo depois que achar o que vim pegar.

Jaci fez um bico e apontou para o caminho esquerdo da bifurcação mais adiante.

Ela colocou o passarinho no capuz de sua capa, pegou a lanterna e continuou pelo caminho indicado. Ao avançar, começou a sentir o chão tremer. Mais alguns passos e com sua luz fraca distinguiu um enorme lagarto, um dragão, correndo atrás de um pássaro com rosto, peito e braços de mulher, embora ainda tivesse feições de coruja. Pela ameaçadora mandíbula aberta cheia de dentes afiados, a intenção do dragão pareceu clara. Aya balançou o bastão como vira Jaci Yaterê fazer e torceu para dar certo. Os passos do grande lagarto se tornaram cambaleantes, seus olhos pesaram. Ele arrastou-se para um canto e caiu no sono.

A zoantropo, meio-mulher-meio-pássaro, foi até ela, ofegante de tanto correr, e agradeceu profusamente.



– Por que está aqui? Também foi roubada? – Aya perguntou.

– Fui e não é a primeira vez – a estranha suspirou. – Jaci sempre faz isso. Ele coloca todo mundo para dormir certa hora do dia para poder andar livremente e mexer nas coisas dos outros. Ele pega o que lhe chama a atenção e trás para cá.

As duas procuraram afitas pelo que haviam perdido temendo que o dragão acordasse a qualquer momento. Quando conseguiram, apressaram-se em sair da caverna e Aya largou o bastão no meio do caminho.

– Ei – a mulher falou – deixe eu te recompensar por ter me salvado – do bolso no manto que usava tirou um broche com uma pequena pedra verde. Fechou os olhos por um momento, a pedra brilhou, e ela a prendeu na capa da garota. – Vai te guiar para onde precisa ir.



– Obrigada. Mas o que Jaci te roubou?

A mulher desenrolou o pano do que segurava, revelando um espelho que virou para a garota, mas ela viu sua imagem borrada, rodeada de várias pessoas também borradas. A superfície parecia... viva e Aya a tocou. Sua mão passou direto e, após respirar fundo, ela se jogou.



De repente, estava em meio a uma multidão sendo empurrada, sem controle para onde ia até chegar em um corredor. Nas altas paredes, imagens passavam tão rápido que ela precisou olhar bem atentamente para perceber que eram cenas familiares. Memórias de toda a sua vida como se fosse um filme projetado aceleradamente em toda a extensão das paredes não importava qual direção tomasse. O corredor dava para outro e outro, ela logo percebeu que estava em um labirinto. Quando olhou para trás, a multidão virava uma coisa só, tornando-se uma massa disforme. Longos braços surgiram do que se moldava em um tronco musculoso, chifres despontavam do topo da cabeça, cascos se formaram nos pés, e a massa se transformou em uma imensa criatura meio-humano-meio-touro.



Ignorando as cenas de suas memórias tanto boas quanto ruins, Aya correu, pois o minotauro a perseguia. O broche em sua capa estava quente e luminescente como se indicasse o caminho e ela não teve tempo de questionar para onde aquele objeto estava a guiando. Atravessou incontáveis corredores até ficar completamente desorientada, vendo de relance sua vida passar nas paredes até chegar em uma coberta por trepadeiras. Sem pestanejar, escalou-a e pulou para o outro lado, deixando o minotauro para trás.



Estava em um belo jardim, que lembrava o da casa de seus pais que há tanto tempo não via. No centro, havia um aquário pequeno demais para o polvo que o habitava. Parecendo apertado e desconfortável enclausurado na redoma de vidro, os tentáculos extravasavam as bordas, mexendo-se inquietos. A garota se aproximou e deixou um dos tentáculos tocá-la para então segurá-lo e o puxar para tirar o polvo de sua prisão. O aquário tombou e espatifou-se no chão, espalhando água em seus pés. O polvo virou uma fumaça que envolveu o corpo de Aya e foi como se sua máscara derretesse se impregnando em cada poro. Ela soube naquele momento que não seria mais a mesma.



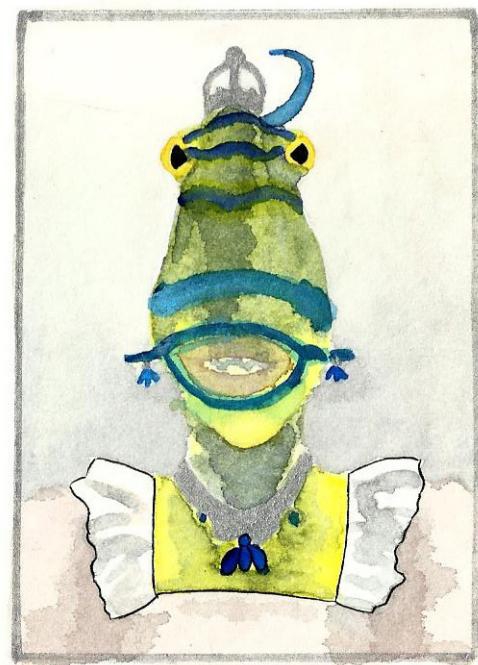
Deu por si metamorfoseada em um polvo. Estava deitada em seu corpo mole e ergueu um pouco a cabeça para ver os seus tentáculos mexendo-se levemente por conta própria.

Estava só na frente da caverna, sua mochila jogada de um lado. Sua visão mudara, pois seus olhos estavam na lateral da cabeça. Passou um tempo tentando se acostumar com o novo corpo, testando o simples ato de andar, ou melhor, rastejar. Não foi tarefa fácil controlar seus oito braços, ainda mais quando cada toque sobrecarregava seus sentidos uma vez que as diversas ventosas nos tentáculos eram extremamente sensíveis e ela conseguia sentir o gosto da terra em que pisava por elas. Sentiu uma sede desesperadora e sua prioridade se tornou encontrar água.



Seu broche, ainda preso em sua capa, também tinha assumido a forma de um pequeno polvo verde-esmeralda, cintilava e a puxava gentilmente, como quando a guiara no labirinto. Esperando que ele a levasse até a água, arrastou-se lentamente até encontrar um lago e, sem pensar, pulou com capa e tudo. Entretanto, ao contrário do que imaginara, não conseguiu respirar debaixo d'água. Bateu seus oito braços freneticamente e sentiu um deles se enrolar em um peixe que desatou a nadar tentando se livrar dela. O peixe saltou para fora do lago pousando na margem e Aya percebeu que da cintura para baixo o peixe era uma mulher. Olhou por um instante para a criatura tão desengonçada quanto ela própria agitando-se pateticamente na areia. Compadecida, enrolou seus tentáculos ao seu redor e a puxou de volta para a água.

Acalmou-se e reconheceu que estava entre as estátuas, e viu o coreto logo adiante. Seu broche ainda a puxava em uma direção a qual se deixou levar até uma das estátuas mais afastadas atrás do coreto. Tinha a cabeça de polvo, mas o corpo antropoide e com asas nas costas. Aya encarou embasbacada aquele ser,



que parecia representar o que ela queria se tornar. Ela se tornara um polvo, mas isso não significava que ela precisaria desistir de seu sonho de voar... Antes de se voltar para a base do pilar de onde sentiu uma estranha pulsação. Viu oito aberturas pequenas apenas o suficiente para seus tentáculos deslizarem e puxarem a tampa, revelando um compartimento.

Dentro, encontrou um baú... trancado. Sabia, de alguma forma, um instinto vindo não se sabe de onde, que seu conteúdo era extremamente importante para ela. Entalhado na madeira, havia vários olhos e, como se várias peças se encaixassem em sua cabeça, ela soube como abri-lo.



Precisou de alguns dias de viagem, mas estava certa de seu destino. O passarinho azul voava na sua frente e piou alegremente trazendo notícias do fim da floresta.

Passou pela última árvore, deparando-se com um campo aberto, vasto e desconhecido. Apesar de não estar surpresa, ainda sentiu-se intimidada ao ver um gigantesco corpo de leão ostentando três cabeças humanas estirado no chão tomado sol. Ao farejá-la, a esfinge sentou-se e os três pares de olhos se fixaram diretamente em sua pequena forma molenga.

– Araresa – ela se curvou numa demonstração de respeito, embora estivesse trêmula, apresentando a caixa – vim até aqui pedir para que abram o baú, pois sei que o que tem dentro é essencial para mim.

Cada cabeça apresentou uma expressão diferente ante ao pedido. Toda as três ostentavam um terceiro olho na testa. Uma pareceu curiosa, outra séria e outra sorriu.

– Você não é mais a mesma de quando entrou em Arapy – a face do meio, a séria, afirmou.

– E falta muito pouco para terminar a sua transformação – a face da direita, com um sorriso amigável, informou animadamente.

– Era isso o que queria? – a curiosa perguntou.

O primeiro instinto de Aya era responder que *não, não era isso que eu queria*. Ela viera para Arapy com sua máscara para se tornar um belo pássaro e tudo pelo qual ela passara não a levara ao seu objetivo. Talvez seu sonho não fora forte o suficiente ou talvez suas escolhas não haviam a levado pelo caminho que pensava, mas quando parou para considerar, não se sentia decepcionada. Os céus estavam ainda mais difíceis de serem alcançados, mas agora tinha um mundo novo pela frente para explorar, contanto que o baú se abrisse...

– A jornada valeu a pena, mas ela ainda não terminou – foi o que acabou respondendo.



Os rostos a encararam por longos segundos. Uma das patas de leão foi até o pescoço do meio e pegou uma chave para depois levá-la até o baú e destrancá-lo.



Aya abriu lentamente a tampa e ouviu as batidas antes de ver de onde vinham. Em um fundo de veludo, descansavam dois corações. Com muito cuidado, um de seus tentáculos se enrolou em um e, com a ajuda das ventosas, trouxe-o até o seu bico por onde foi empurrado e engolido. Ela estremeceu, sentindo seu corpo formigar. Repetiu o processo com o outro coração e por alguns minutos, apenas encarou o veludo no fundo do baú, deixando seu corpo se ajustar aos três corações que agora batiam dentro dela.

– Agora... acha que está pronta para sair de vez de Arapy?

A menina-polvo hesitou.

– Não sei... minha jornada não está completa...

– Tudo o que você precisa para completar essa jornada e embarcar na próxima é coragem. Nada mais.

Coragem, a palavra ecoou em sua mente enquanto olhava para a vasta pradaria atrás de Araresa. No horizonte via uma cidade. Ela olhou para trás, onde a familiar floresta ganhara um ar de casa. Tentava se decidir, mas cada um dos tentáculos apontavam para uma direção diferente e não sabia qual seguir. Em uma árvore, o passarinho aguardava pacientemente sua decisão. Ela sabia que se saísse da floresta, ele não a seguiria mais, pois ali era o seu lar.

Em meio a sua indecisão, viu próximo dali, bem na saída da floresta, uma silhueta.

Aya reconheceu que a silhueta era de um lobo, mas qual, bom ou mau, ela não sabia dizer.





Referências

Página 11



O lobo tem, em geral, duas representações: como companheiro leal e protetor (ex.: Romulus e Remus, a loba adota e cria as duas crianças que acabam por fundar Roma). Ou como predador feroz e metáfora para os perigos do mundo (ex.: Os Três Porquinhos, onde o lobo tenta destruir a casa dos porcos para poder comê-los).

Wolf Country. *Myths, legends and stories*. Disponível em: bit.ly/1nd18YW Acessado em: 11 de junho de 2014.

Página 12



Os Sapatinhos de Prata usados por Dorothy em *O Mágico de Oz* levam a pessoa para qualquer lugar desejado batendo os calcanhares três vezes e dando três passos. A personagem principal se perde em um mundo fantástico, com diversos animais e objetos antropomórficos, vive diversas aventuras e faz amigos em sua busca para voltar para casa. O autor, Baum (Estados Unidos, 1856–1919), baseou-se muito em sua própria vida e seus sonhos, representando-os como alegorias no livro. Algo muito marcante do livro é como os personagens já possuíam consigo o que eles buscavam por toda a jornada, sendo a moral que cada um possui o que precisa dentro de si e é responsável pelo seu próprio futuro.

BAUM, Frank L. *O Mágico de Oz*. Tradução do inglês de Celso Luiz Amorim. 2ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1965.



“*Persona* era originalmente a máscara usada pelo ator com a função de indicar o personagem sendo interpretado” (p. 457). Jung (Suiça, 1875-1961) adota o termo *persona* para nomear a forma que cada indivíduo se apresenta ao mundo e interage com os outros. Ela simula uma individualidade (pela roupa escolhida, a forma de se expressar, de agir, etc.), porém, é o inconsciente coletivo falando através da máscara. As pessoas nascem com uma herança psicológica (assim como a herança biológica), que é determinante para o comportamento, é um conhecimento inconsciente inato de cada um e compartilhado por todos os seres humanos.

Um risco alertado por Jung é quando a persona se torna dominante e acontece a dissolução do indivíduo no inconsciente coletivo, ou seja, a desorientação sobre a própria personalidade. Contudo, a máscara social é essencial, pois é através dela que o sujeito se comunica e interage com os outros. É uma ferramenta de adaptação e proteção do mundo exterior.

JUNG, Carl Gustav. *Collected Papers on Analytical Psychology*. 2ª edição. Londres: Baillière, Tindal and Cox, 1920.

Página 16



A área em volta da entrada para a biblioteca com as estátuas é baseada livremente na Oficina de Cerâmica do artista Francisco Brennand (Recife, 1927) localizada em Recife, Pernambuco. “Lugar único no mundo, a Oficina Brennand constitui-se num conjunto arquitetônico monumental de

Oficina Brennand, 1971, esculturas
Francisco Brennand



rias da mitologia Guarani. Suas versões aqui presentes, por vezes, se distanciam dos contos indígenas para se contextualizarem nesta fábula.
PÉREZ-MARICEVICH, Francisco. *Mitos y Leyendas del Paraguay*. Asunción: El Lector, 1998.



Página 17

Melissa é o nome da ninfa que alimentou o bebê Zeus com mel e eventualmente foi transformada em uma abelha, que é o significado de seu nome em grego.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia*. 26ª edição. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

Página 18

A artista Tessa Farmer (Inglaterra, 1978) faz esqueletos humanos em miniatura, coloca neles asas e os chama de fadas. Então constrói cenas onde sugere interações geralmente violentas entre animais e insetos empalhados com suas fadas. Ela cria, com uma apresentação quase científica, situações fantásticas e macabras.

Tessa Farmer. Disponível em: <http://www.tessafarmer.com/> Acessado em: 15 de março de 2014.

As flores sentadas ao redor da mesa são baseadas na obra de Nelson Leirner (São Paulo, 1932), *A Reprodução das Flores* (1990). É um artista polêmico que se utiliza de objetos comuns e cotidianos em suas obras para criticar e instigar reflexões.

Nelson Leirner. Disponível em: <http://www.nelsonleirner.com.br/> Acessado em: 28 de março de 2014.



Swarm, 2004, escultura
Tessa Farmer

Página 22



Segundo a lenda amazônica, o boto-cor-de-rosa se transforma em homem para participar de festas e seduzir moças.



CASCUDO, Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1986.

A areia colorida da praia é baseada no deserto de cores de *A História Sem Fim* do autor Michael Ende (Alemanha, 1929-1995). No livro, o personagem Bastian Balthazar Bux é um garoto caçado pelos colegas da escola e ignorado pelo pai. Ele encontra escapismo na sua imaginação, inventando estórias, e refugia-se na leitura de um livro que pega de uma livraria. Bastian entra dentro do livro e prefere viver em um mundo de fantasia do que enfrentar um mundo onde ele se sente rejeitado. O livro trata de vários temas como escapismo de uma realidade indesejada, criatividade, trata da criação e da responsabilidade quanto à criação, sentir-se isolado da sociedade, ética, relações interpessoais e amadurecimento. As aventuras retratadas no mundo inconstante de Fantástica, onde se passa boa parte da estória, pode ser interpretado de várias formas, tanto quanto um devaneio que se passa na cabeça do personagem principal quanto um reflexo alegórico das frustrações interiores dele ante sua inaptidão de se encaixar na vida social.



ENDE, Michael. *The Neverending Story*. Traduzido do alemão por Ralph Manheim. Nova York: Dutton Children's Books, 1997.



Página 24



O conto do vampiro narcisista foi inspirado no capítulo *Elogio del vampiro* do livro *El beso de Judas* de Joan Fontcuberta (Espanha, 1955). “Toda fotografia é uma ficção que se apresenta como verdadeira” (p. 15). O autor discute o valor documental da fotografia e sua possibilidade como ficção, o qual relaciona com o trabalho prático de minhas fotos banais e a criação de uma realidade fictícia ao pintar animais por cima das pessoas retratadas. “Fotografar, em suma, constitui uma forma de reinventar o real, de extrair o invisível do espelho e revelá-lo” (p. 45). No capítulo *Elogio del vampiro*, o autor fala da câmera fotográfica como metáfora do espelho e diz: “É fácil imaginar o paradoxo – o suplício! – de um narcisista-vampiro: alguém que persegue o reflexo que carece; narcisistas e vampiros são metafisicamente contrários” (p. 41).

FONTCUBERTA, Joan. *El beso de Judas, Fotografía y verdade*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S. A., 2010, p. 34.

O *tanuki* é um animal típico do Japão similar a um guaxinim ao qual, na mitologia japonesa, atribuiu-se a capacidade de metamorfose, por vezes sendo bondoso ou maldoso, dependendo da lenda.

Tanuki. Disponível em: bit.ly/TW7Uv4 Acessado em: 15 de março de 2014.

Em um dos contos de Hans Christian Andersen (Dinamarca, 1805-1875), *Thumbelina* (Polegarzinha) é uma garota pequenina que nasceu de um botão de flor.

ANDERSEN, Hans Christian. *Fairy Tales*. Nova York: Grosset & Dunlap, 1945.

O pássaro azul pode ser visto como uma espécie de *daemon* como na trilogia de Philip Pullman (Inglaterra, 1946), *His Dark Materials*, onde cada pessoa possui uma alma externa, uma personificação da alma em forma de animal. Em grego antigo, *daemon/daimon* traduz-se como espírito, divindade, é algo que está entre o humano e o divino. Sócrates declarou em *Apologia de Sócrates* ter um *daemon* que o aconselhava. Já Jung denomina o *daemon* como sendo o mesmo que o *self*.

JUNG, Carl G. *O Homem E Seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 212.

Páginas 26 e 27

Muitos deuses do panteão do antigo Egito eram representados com corpo humano e cabeça animal. Entre eles, Bastet, mulher com cabeça de gato, é a deusa da proteção, alegria, música e amor.

Os Músicos de Bremen é um conto dos Irmãos Grimm (Alemanha, 1785–1863) onde um galo, um gato, um cachorro e um burro procuram uma nova vida como músicos. *Os Saltimbancos* é a adaptação brasileira feita por Chico Buarque do musical *I Musicanti* que é baseado livremente neste conto.

Hans Christian Andersen, em seu conto *Red Shoes*, usa os sapatos vermelhos e a dança como representação do despertar da sexualidade feminina, que leva a personagem principal a um comportamento egoísta (segundo as morais da época) e acaba sendo punida (seus pés não param de dançar sozinhos e ela pede para o carrasco cortá-los fora). A cor vermelha também é comumente reconhecida como alerta de perigo (como na sinalização de trânsito, por exemplo).

ANDERSEN, Hans Christian. *Red Shoes*. Disponível em: bit.ly/1nbETaI Acessado em: 30 de maio de 2014.



Pesta Tiga, 2013, pintura acrílica
Roby Dwi Antono



Página 28

Alice em *Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carroll (Inglaterra, 1832-1898) inicia sua aventura seguindo um coelho antropomórfico e caindo em sua toca. A estória fantástica mundialmente conhecida é um exemplo de literatura *nonsense*, onde diversas situações são aparentemente aleatórias. Enterretanto, o autor baseou-se em pessoas reais e utilizou-se de paródias, alegorizando lugares e conceitos.

CARROLL, Lewis. *Alice's Adventures in Wonderland*. Oxford: Oxford Univ. Press, 1982.

Muitas das pinturas e desenhos surrealistas do artista Roby Dwi Antono (Indonésia, 1990) apresentam antropomorfismo e a hibridização de uma criatura com outra. Coe-

lhos são personagens recorrentes em seus trabalhos que podem ser considerados adoráveis e perturbadores ao mesmo tempo. Ele insere o bizarro dentro de imagens com referências ao universo infantil.



No folclore oriental, o Coelho de Jade é o contorno visível na superfície da lua onde se identifica um coelho com um pilão. Na mitologia chinesa, o coelho está fazendo oelixir da longevidade para a deusa da lua, Chang'e. Na fábula, a deusa da vila dos coelhos é baseada em Chang'e, Arasy (mãe do céu que vive na lua, Guarani) e Durga (deusa hindu do feminino e criação).

The Legend of Chang'e. Disponível em: <http://www.moonfestival.org/change.html> Acessado em: 20 de julho de 2014.



Página 31

“A cidade é uma criação natural, e o homem é, por natureza, um animal social, e um homem que por natureza, e não por mero acidente, não fizesse parte de cidade alguma, seria desprezível ou estaria acima da humanidade, e se poderia compará-lo a uma peça isolada do jogo de gamão. Agora é evidente que o homem, muito mais que a abelha ou outro animal gregário, é um animal social.” (Aristóteles. Política, I, 1253b, 15)



A pequena aranha esbranquiçada (porque seus pelos mimetizam a casca seca de árvore) *Caerostris darwini* de Madagascar pode tecer teias mais resistentes do que kevlar (fibra sintética de aramida conhecida por ser resistente).

Darwin's Bark Spider. Disponível em: bit.ly/TW9gWt Acessado em: 17 de abril de 2014.



O velo de ouro, na mitologia grega, é a lã do carneiro alado, filho de Poseidon, que se tornou a constelação de Áries. É um símbolo de realeza e autoridade.



No Nepal, como tradição Hindu, uma menina é escolhida com base em vários pré-requisitos, como tendo saúde perfeita, cabelos e olhos pretos, o peito de leão, cílios de vaca, coxas de cervo (são 32 “perfeições” como exigências) para ser a Kumari. Após escolhida, ela passa por rituais para ser considerada como a própria deusa Durga e ser reverenciada como tal.

Nepal's Fascination with "Living Goddesses". Disponível em: bit.ly/1y0VHoh Acessado em: 12 de janeiro de 2014.



Página 33

Uma das interpretações do conto *Chapeuzinho Vermelho* é sobre o despertar da sexualidade e a chegada da puberdade, representada pela capa de cor vermelha (a cor do sangue, pecado e luxúria). A história possui várias versões e, nas primeiras, diversos símbolos estão presentes, como o fato da Chapeuzinho ter que escolher o caminho dos alfinetes ou das agulhas. Antigamente, não muito diferente dos dias atuais, a costura e tecelagem eram essencialmente feitas por mulheres que aprendiam desde cedo, portanto uma expressão de feminilidade.

In the woods with wolves. *The Enchanted Mirror*. Disponível em: bit.ly/TWa8dZ Acessado em: 31 de março de 2014.

Páginas 34 e 35

Na mitologia nórdica, o anão Fafnir acabou por se transformar em um dragão por conta de sua avareza e para guardar o seu tesouro amaldiçoado. FRANCHINI, A.S. e SEGANFREDO, Carmen. *As Melhores Histórias da Mitologia Nórdica*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.



Harpias são seres da mitologia grega com rosto de mulher e corpo de pássaro. Em muitas culturas as corujas são associadas com misticismo e magia, são símbolos de sabedoria ou mau agouro.



Tal conceito foi adotado pela artista Kate Clark (Estados Unidos, 1970) que esculpe rostos humanos em animais empalhados, dando-lhes expressões humanas que é, por si só, um tipo de linguagem, portanto ela alude à possibilidade de uma comunicação entre esses animais e humanos. Seu trabalho fala de um equilíbrio entre o selvagem e o civilizado.

Kate Clark. Disponível em: <http://www.kateclark.com/> Acessado em: 30 de janeiro de 2014.



Muiraquitã é a figura de um animal (geralmente sapo, mas não exclusivamente) talhado em jade ou madeira ao qual é atribuído qualidades sobrenaturais pelos índios do Amazonas.

A Lenda do Muiraquitã. Disponível em: <http://noamazonaseassim.com/a-lenda-do-muiraquita/> Acessado em: 9 de maio de 2014.



No conto *O Espelho* de Machado de Assis (Rio de Janeiro, 1839-1908) o personagem principal torna-se alferes e, a grande aceitação pelos parentes e amigos é causa de muito orgulho. Após um tempo, percebe que não consegue mais ver seu reflexo nítido no espelho, pois se vê embaçado. Entretanto, quando veste a farda, vê-se novamente com perfeita nitidez. O personagem passa por um processo de apagamento, a perda de sua individualidade, e passa a se reconhecer apenas pela sua função social. Esse conto fala, justamente, de um dos riscos alertados por Jung sobre o risco da dissolução do indivíduo quando a *persona* predomina.

ASSIS, Machado de. *O Espelho*. Disponível em: bit.ly/VRjvNq Acessado em: 20 de fevereiro de 2014.



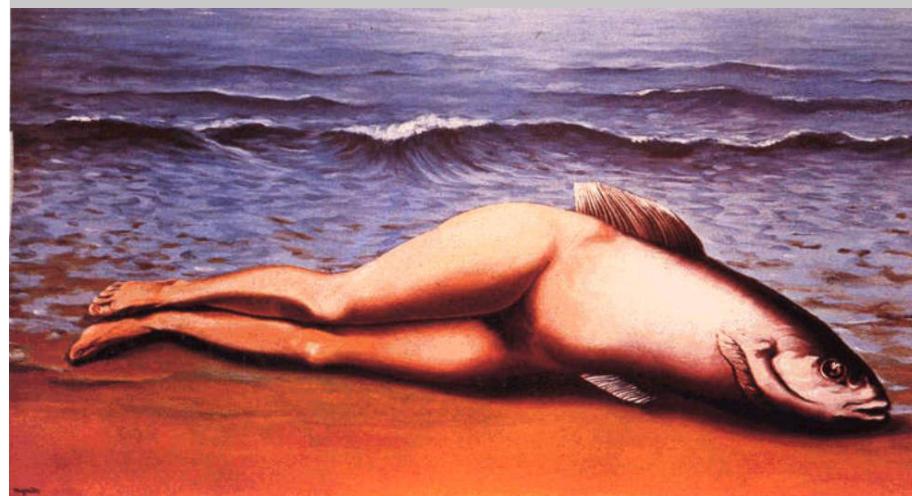
Marie Louise von Franz (Suíça, 1915-1998), co-autora de *O Homem e Seus Símbolos*, diz que para o processo de individuação, “o nosso utilitarismo deve ceder às exigências da nossa psique inconsciente. (...) para realizar um processo de individuação é preciso nos submetermos, conscientemente, ao poder do inconsciente” (p. 215). Esse processo resulta em um equilíbrio entre o consciente e o inconsciente, ou seja, em uma aceitação própria para uma vida mais harmoniosa.

JUNG, Carl Gustav [et al.]. *O Homem e Seus Símbolos*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.



Na mitologia grega, o Minotauro foi o resultado da união da rainha de Creta com um touro. O rei construiu um labirinto para aprisioná-lo, pois alimentava-se de carne humana. Aqui, o minotauro é formado por uma massa de pessoas, que representa a pressão social, que persegue a personagem até ela encontrar o seu *self*, ou seja, a si mesma. Como a individuação é a aproximação do consciente e inconsciente, tal processo se passa dentro da própria mente da personagem (representado pelo espelho).

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia*. 26ª edição. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.



Páginas 36 e 37

 Uma referência direta ao primeiro parágrafo da obra *A Metamorfose* do autor Kafka (República Checa, 1883-1924). “(...) Gregor Samsa encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso. Estava deitado sobre suas costas duras como couraça e, quando levantou um pouco a cabeça, viu seu ventre abaulado, marrom, dividido em segmentos arqueados (...). Suas muitas pernas (...) vibravam desamparadas (p. 13)” Samsa é um rapaz que não cedeu o seu utilitarismo ao inconsciente; ele tem um trabalho que não gosta para sustentar a família e sua vida é melancolia. Sua transformação pode ser vista como uma doença, como depressão (ou mesmo insônia, do que o autor sofria), e ele se torna um transtorno para a família, o que causa ainda mais angústia para ele.

 KAFKA, Franz. *A metamorfose*. L&PM Pocket: Porto Alegre, 2001, p. 13.

 A pintura surreal *L'Invention Collective*, René Magritte (Bélgica, 1898-1967), exibe uma mulher com cabeça de peixe, invertendo a clássica imagem da sereia. “Os híbridos místicos tendem a preservar a racionalidade, conservando, num corpo animal uma cabeça humana: é o caso da clássica sereia, do centauro, do minotauro grego. Magritte revoga essa lei, animalizando, bestializando o seu híbrido (*L'invention collective*), desprovido de um cérebro humano, mergulha na pura irracionalidade “natural”.”

 JEHA, Julio e NASCIMENTO, Lyslei, organizadores. *Da fabricação de monstros*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 70.

 Descrição da divindade cósmica de H.P. Lovecraft, Cthulhu, do conto *Call of Cthulhu*. O deus Cthulhu é descrito no conto como uma criatura monstruosa: “Representava [a estátua] um monstro de vaga silhueta antropoide, mas com uma cabeça de polvo, com o rosto sendo uma massa de tentáculos, um corpo escamado parecendo escorregadio, garras espantosas nas patas dianteiras e traseiras, e longas asas estreitas nas costas.” Por ser uma criatura estranha e cercada de mistério, ele representa o absurdo das escolhas conflitantes da personagem principal, Aya (um ser marítimo que quer voar), e sua incerteza do que ela própria se tornou.

 LOVECRAFT, H.P. *Call of Cthulhu*. Disponível em: bit.ly/1zsHbqU Acessado em: 10 de julho de 2014.

Página 38

 Araresa é a mistura de dois mitos gregos: a Esfinge (criada pelos egípcios, corpo de leão ou águia e rosto humano) não deixava ninguém entrar em Tebas se não resolvesse seu enigma; e a deusa Hécate muitas vezes representada em trio segurando tochas ou chaves, também associada com entradas e portais.

 O polvo possui três corações. Dois branquiais que bombeiam sangue para as guelras e um sistêmico para o resto do corpo. Polvos também possuem bicos como de papagaios no lugar da boca e são animais solitários.

 Understanding the Elusive Giant Pacific Octopus. Disponível em: 1.usa.gov/1kHv6rZ Acessado em: 25 de março de 2014.



Moral:

Todos nós precisamos de uma, ou várias, *persona*, a máscara social. Esta máscara social nada mais é do que a identidade com a qual a pessoa se apresenta para a sociedade, a identidade que ela gostaria de ser percebida pelos outros. Entretanto, o que é identidade? Afinal, existem vários tipos: identidade social, cultural, pessoal, sexual, nacional, profissional, religiosa e, para cada uma, a pessoa pode vir a “vestir” uma máscara social. Identidade é como a pessoa se percebe ou como os outros a veem? Se a pessoa é diferente de como ela se apresenta para o mundo, como ela lida e separa essas duas, ou mais, identidades? Este trabalho, *Anémohymba*, não tem a pretensão de responder estas perguntas, mas sim de refletir de forma poética sobre a busca da identidade, o que é um assunto sempre presente e complexo.

É justamente por conta dessa complexidade que escolhi expressar minha pesquisa dentro do campo literário, mais especificamente, utilizando a linguagem praticamente atemporal que é a da fábula, pois “procuramos resignificar o mundo por intermédio das histórias. Para criar suas narrativas enviesadas, uma das estratégias dos artistas contemporâneos é o uso de contos de fadas” (CANTON, 2009, p. 19). Nem sempre literalmente contos de fadas,

mas sim elementos dele, como uma forma de narrativa alegórica com elementos surreais e fantásticos para se comunicar com o público ou o leitor.

Focalizado na contemporaneidade, esta busca pela identidade é expressivamente demonstrada através de “narrativas surreais” por artistas como Olivier de Sagazan (Congo, 1959), por exemplo, que encena bem o processo de metamorfose da *persona* em sua performance *Transfiguration*, no qual, utilizando-se de argila e tinta, transfigura seu próprio rosto, anulando sua identidade e se transformando continuamente em diferentes seres animalescos. Já o artista Nino Cais (São Paulo, 1969) possui um extenso trabalho de anulação da identidade, realizando autor-retratos em que tampa o rosto com objetos, usando a si mesmo como escultura; tendo em vista ser ele mesmo, muitas vezes, o modelo da fotografia, seu rosto é reinventado e sua identidade modificada de acordo com o objeto escolhido. Outro artista relevante para o tema é Rodrigo Braga (Manaus, 1976) com o seu trabalho *Fantasia de Compensação* (2004), que considera ser também um auto-retrato, simula digitalmente costurar a cabeça de um Rotweiller ao próprio rosto, em uma busca por uma representação do seu eu verdadeiro. Ele relata em *Dos Bastidores de um Auto-retrato* (2005), texto que escreveu sobre a criação desta série fotográfica disponível em seu site, ter se inspirado para a criação desse trabalho após a impactante experiência de observação e identificação com um cão sarnento e doente na rua.



sem título, 2011, fotografia
Nino Cais

Apoiada na teoria de psicologia analítica de Carl Jung, a fábula presente neste livro conta a trajetória da protagonista, Aya, que deixa sua vida para trás e parte em uma jornada para conhecer a si mesma, diposta a lançar-se em diversas, por vezes estranhas, situações. Segundo Jung, o processo de individuação é o equilíbrio entre o consciente e inconsciente, que é mais um dualismo presente nas teorias do psicanalista, assim como *persona* e sombra (características reprimidas); a dualidade, entre outras coisas, refere-se emblematicamente na fábula pelos personagens antropozoomórficos na relação entre humano e animal representando o equilíbrio entre instinto e racionalidade. Nesse processo que ocorre através de uma busca de individuação, ela precisa anular a si própria colocando a máscara que torna sua face irreconhecível, ela se vê como mais uma entre outros tantos que se encontram na floresta. O mesmo ocorre, por exemplo, a alunos ingressando em uma universidade, dispostos a passarem por experiências que os levarão a aprender uma função, uma prática profissional que os tornarão úteis para a sociedade.

Sua jornada a leva a sair do conforto de casa, conhecer novas pessoas, descobrir um mundo cheio de novidades, mas com perigos e incertezas.

Ao passar por uma metamorfose – que no caso de Rodrigo Braga o identifica com a figura do cachorro –, Aya enfim se define como um polvo, numa aceitação diversa da projeção que fazia de si própria no início da jornada. Passa por momentos sozinha, descobrindo-se e interagindo com o mundo ao seu redor, mas retorna ao convívio social para procurar o seu espaço inserida em um grupo específico, com costumes e cultura próprios. Entretanto, o fato de ela não se adaptar àquela sociedade demonstra que a identidade não depende apenas do contexto em que estamos inseridos, não é um mero processo de conformação, mas também depende de fatores biológicos, de criação, de experiências e como elas afetam cada um (sendo assim, o fato de ela querer se tornar um pássaro dificultou sua convivência em uma vila de coelhos). Mesmo assim, relações interpessoais são importantes para o indivíduo e trazem constantes aprendizados; Aya descobriu o que gosta, o que não gosta, o que é importante para ela e diversos outros aspectos que ajudaram no seu processo de transformação; assim, ela vai embora da vila com novos conhecimentos e levando sua capa vermelha feita por ela mesma, ou seja, seu símbolo de maturidade.

Entretanto, como processo contínuo e duradouro, a busca de individuação não se encerra aí e, dessa maneira, também a fábula não se conclui de forma definitiva, permanecendo aberta às vastas possibilidades também à disposição da personagem: quais suas próximas decisões e como afetarão sua vida são indagações que poderão inspirar novas fábulas pela vida a fora.



CANTON, Katia. Narrativas Enviesadas. São Paulo: Martins Fontes, 2009.



Bibliografia complementar

AESOP. *Fables*. Nova York: Nelson Doubleday, 1968.

BAULTRUSAITIS, Jurgis. *Aberrações: ensaio sobre a lenda das formas*. Tradução do francês por Vera Azambuja Harvey. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

BORGES, Jorge Luis. *O livro dos seres imaginários*. Traduzido do espanhol por Carmen Vera Cirne Lima. 2ª edição. Porto Alegre: Globo, 1981.

BRAGA, Rodrigo. *Dos Bastidores de um Auto-retrato*. Disponível em: <http://rodrigobraga.com.br/> Acessado em: 16 de agosto de 2014.

BURKE, Carolyn L., COPENHAVER, Joby G. *Animals as People in Children's Literature*. Disponível em: bit.ly/1jlftH Acessado em: 4 de abril de 2014.

CALVINO, Ítalo. *Fábulas Italianas*. Traduzido do italiano por Nilson Moulin. 4ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CASCUDO, Luis Câmara. *Lendas Brasileiras*. 7ª edição. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

Dicionário Guarani. Disponível em: <http://www.iguarani.com/> Acessado em: 27 de fevereiro de 2014.

EL labirinto del fauno (filme). Direção e roteiro de Guillermo del Toro. Espanha, 2002, 118 min.

ORWELL, George. *Animal Farm*. Londres: Longman, 1996.

PERRAULT, Charles. *The Complete Fairy Tales*. Traduzido do francês por Christopher Betts. Oxford: Oxford University Press, 2009.

SAGAZAN, Olivier de. *Transfiguration* (performance). Disponível em: <http://bit.ly/1wqPYsy> Acessado em: 26 de setembro de 2014.

SENDAK, Maurice. *Where The Wild Things Are*. 25ª edição. Nova York: Harper Trophy, 1963.

THE Company of Wolves (filme). Direção e roteiro de Neil Jordan, baseado em um conto homônimo de Angela Carter. Inglaterra: Incorporated Television Company, 2002, 95 min.

VINCI, Leonardo Da. *Fábulas e Lendas*. Traduzido do italiano por Vera Maria Teixeira Soares e Mario Palmério. Rio de Janeiro: Salamandra, 1977.

Zelig (filme). Direção e roteiro de Woody Allen. Estados Unidos: Orion Pictures Corporation, 1983, 79 min.



